



ALEXANDER GILCHRIST E A CRIAÇÃO DO PERSONAGEM BLAKE

Anselmo Peres Alós*

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
anselmoperesallos@gmail.com

Daniela Schwarcke do Canto**

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
danidocanto@hotmail.com

RESUMO: Dosse diz que as anedotas e os fatos interessantes da vida do biografado são as principais razões do fascínio dos leitores, sendo o biógrafo como um retratista, que "molda" a imagem do seu biografado. Alexander Gilchrist, em sua biografia *The Life of William Blake: Pictor Ignotus* (1863) revela um artista competente e sério, mas ao mesmo tempo apresenta aos leitores um visionário excêntrico, que conversava com espíritos. A obra de Gilchrist foi a primeira biografia dedicada a William Blake e a grande responsável pela recepção de Blake no século XIX, servindo de referência para todos os estudos de Blake a partir de então. No entanto, como a grande maioria das obras de seu tempo, a biografia não cita suas fontes. Esse estudo se preocupa em rastrear, mesmo que hipoteticamente, quais autores possivelmente serviram de referência a Gilchrist, analisando, para tanto, quatorze passagens que marcaram a vida de William Blake, traçando um comparativo entre o que Gilchrist escreveu com o escrito por cinco autores anteriores a ele, sendo eles: Benjamin Heath Malkin (1806), Henry Crabb Robinson (1810), Frederick Tatham (1828), J. T. Smith (1829) e Alan Cunningham (1830).

PALAVRAS-CHAVE: Blake. Gilchrist. Biografia. Personagem. Fontes.

ALEXANDER GILCHRIST AND THE INVENTION OF THE CHARACTER BLAKE

ABSTRACT: According to Dosse, the anecdotes and the interesting life facts of the subject of the biography are the main reasons for the reader's fascination, comparing the biographer to a portraitist, that

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto III no Departamento de Letras Vernáculas da UFSM. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras dessa mesma instituição. Realizou Estágio Pós-Doutoral no PPG-Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como bolsista do Plano Nacional de Pós-Doutoramento (PNPD/CAPES), sob a supervisão do Prof. Dr. Roland Walter.

** Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, realizou especialização em Ensino de Língua Inglesa e Uso de Novas Tecnologias pela Universidade Gama Filho e mestrado em Estudos Literários pelo PPG-Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Servidora da Universidade Federal de Santa Maria no cargo de Tradutora de Língua Inglesa.

“shapes” the image of the subject. Alexander Gilchrist, in the biography *The Life of William Blake: Pictor Ignotus* (1863), reveals a competent and serious artist, but at the same time an eccentric visionary that talked to spirits. Gilchrist's work was the first biography dedicated to William Blake and responsible for Blake's reception in the nineteenth century, being reference for all the studies on Blake ever since. However, as most of the works from its time, the biography does not indicate its sources. This study has as objective to trace, even if hypothetically, which authors were used as sources by Gilchrist, analyzing fourteen excerpts from William Blake's life, drawing comparisons between what Gilchrist wrote and the writings of five authors that preceded him: Benjamin Heath Malkin (1806), Henry Crabb Robinson (1810), Frederick Tatham (1828), J. T. Smith (1829) e Alan Cunningham (1830).

KEYWORDS: Blake. Gilchrist. Biography. Character. Sources.

De acordo com Dosse¹, em uma biografia, as anedotas e os detalhes mais reveladores da vida do biografado exercem um fascínio sobre os leitores, e, assim, ele compara o biógrafo a um retratista, que “moldará” a imagem daquela pessoa que ele escolheu biografar, enfatizando, dessa forma, o lado ficcional desse gênero literário. O mesmo autor, no entanto, atenta para o fato de que o leitor de uma biografia espera também encontrar na sua leitura relatos verídicos e autênticos do biografado. Já Michael Benton, em seu livro *Literary Biography: An Introduction*, aponta que ao escrever um romance o escritor *cria* um personagem e, juntamente com isso, toda a sua história. O biógrafo, no entanto, não pode manipular a história e o tempo tão livremente. A ordem cronológica é de suma importância em uma biografia, uma vez que “the chronological imperative is more than just getting events in the right order”², dizendo, com isso, que, ao biografar uma vida, todo o entorno, a época em que a pessoa viveu e a sociedade na qual esta pessoa estava inserida são importantes.

Neste sentido, pode-se considerar William Blake não apenas um famoso pintor, escritor e gravurista, mas também *um personagem* criado por Alexander Gilchrist (na biografia *Life of William Blake: Pictor Ignotus*, de 1863), e que foi de essencial importância na recepção da obra de Blake a partir de então. Foi a partir da biografia de Gilchrist que Blake tomou o seu lugar na história da arte e da literatura como um dos maiores artistas do seu século. Após uma visão geral da biografia escrita por Gilchrist, analisar-se-á mais a fundo quatorze passagens que marcaram a vida de William Blake, fazendo um comparativo entre o que Gilchrist escreveu com o escrito pelos cinco

¹ DOSSE, F. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

² “[...] o imperativo cronológico é mais do que somente colocar os eventos na ordem correta” (todas as traduções de citações, salvo indicação contrária, são dos autores). BENTON, M. **Literary biography**: an introduction. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2009, p. 44

autores anteriores a ele, esperando assim chegar a uma visão, mesmo que hipotética e não de todo definitiva, de quais autores serviram de fontes para Alexander Gilchrist.

Benton diz que Blake considerava a sua vida terrena como sendo de pouca importância e que, para ele, vida e morte se misturavam e eram complementos uma da outra. Talvez por isso ele não mantivesse diários, e as poucas anotações encontradas após sua morte eram comentários anotados nas margens de livros que ele lia, ou as que eram escritas no caderno que havia pertencido aos seu irmão, Robert Blake. Os biógrafos de Blake ainda encontraram algumas cartas escritas pelo artista e, segundo Benton, também foram encontrados registros de suas transações comerciais como gravurista profissional. Um fator importante que diferencia a *biografia* do *romance* é o fato de que o romancista cria seus personagens e, conseqüentemente, cria também sua vida íntima e seus pensamentos. Ele tem acesso irrestrito às reflexões e aos desejos mais secretos de seus personagens, enquanto o biógrafo está *recriando* uma vida, e precisa sempre *atentar às suas fontes e referências*. No entanto, por mais que o biógrafo pesquise documentos e diários, ou conte ainda com fontes confiáveis nas suas pesquisas sobre a vida do biografado, ele jamais terá acesso aos pensamentos e sentimentos que habita(va)m a mente do artista retratado. O momento único da concepção do poema ou da pintura permanecerão inatingíveis ao biógrafo.

Para esta análise, centrar-se-á atenção na Tabela que se encontra no Anexo. A tabela foi elaborada com o intuito de demonstrar, de uma forma expositiva, alguns fatos que foram importantes na história de William Blake, analisando a forma como tais relatos foram descritos na biografia escrita por Alexander Gilchrist e em textos de cinco autores anteriores a ele, todos citados em algum momento por Gilchrist em *Life of William Blake: Pictor Ignotus*. Em um primeiro momento, fez-se uma leitura da biografia de Blake escrita por Gilchrist, marcando onde eram citados outros autores dentro do texto da biografia. Chegou-se a cinco autores: Benjamin Heath Malkin³, Henry Crabb Robinson⁴, Frederick Tatham⁵, J. T. Smith⁶ e Alan Cunningham.⁷ Todos citados na obra de Gilchrist, mas não como fontes oficiais.

³ MALKIN, B. J. **A father's memoir of his child**. Longman: Hurst, Rees and Orme, 1806.

⁴ ROBINSON, H. C. **The diary, letters and reminiscences of Henry Crabb Robinson**. Disponível em: <[https://en.wikisource.org/wiki/William_Blake_\(Symons\)/Extracts_from_the_Diary,_Letters,_and_Reminiscences_of_Henry_Crabb_Robinson](https://en.wikisource.org/wiki/William_Blake_(Symons)/Extracts_from_the_Diary,_Letters,_and_Reminiscences_of_Henry_Crabb_Robinson)>. Acesso em: 14 out. 2015.

⁵ THATAM, F. **The letters of William Blake**. 1828. Edited by Archibald Russel. London: Mathuen & Co, 1906.

Depois de tanto, fez-se uma escolha de quais os episódios seriam de maior relevância na história de Blake. Esses relatos narram partes da história tanto do artista técnico como do Blake visionário e estão presentes na biografia de Blake escrita por Alexander Gilchrist. No total, foram dezesseis episódios escolhidos para fazer parte da tabela. A escolha foi feita a partir da leitura de várias obras biográficas dedicadas a Blake e posteriores a Gilchrist, entre elas as biografias escritas por Peter Ackroyd⁸ e G. E. Bentley Jr.⁹ A seguir, exemplifica-se alguns dos episódios escolhidos, relatando o motivo pelo qual este determinado episódio foi escolhido. Um dos fatos mais marcantes da vida de Blake foi o do método de impressão, importante por se tratar do método que permitiu que Blake imprimisse os seus próprios livros, além de ser diferente e único na época (ao mesmo tempo, teria sido revelado ao artista por intermédio de uma visão do seu falecido irmão Robert).

Escolheu-se, também, analisar o período em que Blake foi aprendiz de James Basire. Nesse período, que durou sete anos, e teve início quando o jovem William Blake tinha apenas quatorze anos, ele foi treinando na arte da gravura. O episódio foi escolhido por se tratar do período da formação de gravurista de Blake, profissão que lhe garantiu o sustento por toda a vida. Outro importante período da vida de Blake são os três anos que o artista passou na pequena cidade de Felpham, a convite do poeta Hayley¹⁰. Este episódio foi escolhido para compor a análise por se tratar de uma época em que Blake trabalhou muito como gravurista, mas que também está ligada ao lado visionário de Blake (que constam nos textos dos autores estudados e, conseqüentemente, também em Gilchrist).

⁶ SMITH, J. T. **Nollekens and his times**. London: Henry Colburn, New Burlington Street, 1829. 2 v.

⁷ CUNNINGHAM, A. **The lives of the most eminent painters**. New York: Harper & Brothers, 1837. 2 v.

⁸ ACKROYD, P. **Blake**. London: Sinclair – Stevenson, 1999.

⁹ BENTLEY JR., G. E. **The Stranger from Paradise: A biography of William Blake**. New Have and London: Yale University Press, 2003.

¹⁰ William Hayley nasceu em 1745 em Chichester, no Sudeste da Inglaterra. Em 1762 foi enviado para estudar em Cambridge, mudando-se para Londres em 1767. Hayley é lembrado principalmente por sua amizade com Willam Blake e com o também poeta William Cowper. No ano de 1800 ele convida Blake e sua esposa Catherine para se mudarem para Felpham, para que Blake pudesse trabalhar nas ilustrações e gravuras para o seu *Life of Cowper* e outros trabalhos, entre os quais *Ballads Founded on Anecdotes Relating to Animals* (1805). A obra de Hayley, *The Life of William Cowper*, publicada em três volumes (1803-04), antecipa os métodos da biografia moderna. William Hayley morreu em Felpham, em 12 de novembro de 1820. (Fonte: Enciclopedia Britannica) Disponível em: <<https://global.britannica.com/biography/William-Hayley>>. Acesso em: 07 julho 2016.

Com o intuito de facilitar a análise dos episódios escolhidos, foi feita uma divisão nos textos anteriores ao *Life of Blake: Pictor Ignotus*, entre os episódios ligados ao *perfil técnico* e aqueles ligados ao *perfil místico* de William Blake. Para melhor visualização de quais os episódios escolhidos estavam presentes em quais textos e em quais autores mencionados anteriormente, foi elaborada uma tabela (Anexo 1). Na tabela foram colocados nomes dos seis autores: Malkin, Crabb Robinson, Tatham, J. T. Smith, Cunningham e Alexander Gilchrist. Também foram colocados os dezesseis episódios escolhidos para análise: a) Infância; b) Preparação com Basire; c) Royal Academy; d) Catherine; e) Parceria com Parker; f) Robert Blake e o Método de Impressão; g) Cores; h) *Canções de Inocência e Experiência*; i) *América e Europa*; j) *The Grave*; k) Felpham; l) *Canterbury Pilgrims*; m) Exposição na loja do irmão; n) *Catálogo Descritivo*; o) *Jerusalém* e p) *Livro de Jó*.

Finalmente, foi feito o cruzamento de dados, marcando em quais os autores que cada episódio aparece, chegando assim a uma hipótese de quais os autores poderiam ter servido de fontes a Alexander Gilchrist na escrita da biografia *Life of Blake: Pictor Ignotus*, publicada em 1863.

ELEMENTOS DE *LIFE OF BLAKE*, DE ALEXANDER GILCHRIST

Pictor Ignotus, que em latim significa “pintor desconhecido”, é um termo usado para obras nas quais se desconhece o artista. Gilchrist utilizou a expressão no título de sua obra referindo-se à obscuridade de Blake como pintor no período. Na biografia *Life of William Blake: Pictor Ignotus*, Alexander Gilchrist, com a ajuda da esposa Anne e do amigo Rossetti, relata episódios até então desconhecidos da vida de William Blake, e consegue, de forma muito eficaz, apresentar ao público um artista inserido na Londres de sua época. Gilchrist apresenta dois lados de Blake: um gravurista competente e sério, que se sustenta com o pouco que sua obra lhe proporciona, contando com a companhia silenciosa e fiel de sua esposa Catherine, mas que, ao mesmo tempo, é um visionário excêntrico que conversa com os espíritos e anda nu pelo seu jardim, recitando versos de Milton (1608-1674). A obra de Gilchrist ocupa um lugar de destaque na história da recepção das obras de Blake e tem grande responsabilidade por sua influência em outros escritores e artistas posteriores.

Singer diz que Gilchrist, ao escrever a biografia, encontrou uma justificativa para o comportamento de Blake que era considerado, pela maioria dos seus contemporâneos, como “inadequado”. Blake estaria reagindo às provocações, ao ser chamado de extravagante e desequilibrado:

No calor da conversa, Gilchrist continua a contar, Blake exagerava suas peculiaridades de opinião e doutrina, ou expressava uma fantasia instável da forma mais simples, sem o preparo que ele sabia muito bem ser necessário, sentindo um prazer secreto na surpresa e oposição que suas visões provocavam.¹¹

Singer continua a explorar o personagem de Blake criado por Gilchrist ao dizer que o próprio Blake se referia às suas visões como vindas de dentro de sua cabeça, produtos de sua imaginação, realidades existentes *dentro de sua mente*. Singer diz que Gilchrist “faz uma distinção que separa amplamente tais visões das alucinações da loucura e indica que os hábitos estranhos de Blake ao falar ou escrever, que assustavam as pessoas, eram fruto de uma cultura excessiva de imaginação combinada com uma ousada liberdade de expressão”.¹²

O William Blake desvelado por Gilchrist era um homem capaz de movimentar-se com destreza entre a realidade e a imaginação, capaz de provocar nas pessoas as mais diversas sensações, do descrédito ao ouvir as histórias das suas visões, como a do *Ghost of a Flea*, uma descrição um tanto fantasiosa do espírito de uma pulga, ou quando ele afirma ter presenciado o enterro de uma fada, ao assombro ao ler obras como *Jerusalem* onde, no prefácio, ele pedia ao leitor que perdoasse aquilo que não aprovava e que apenas o amasse pelo seu esforço e talento. De acordo com Gilchrist, Blake também era capaz de provocar nas pessoas os mais doces e infantis sentimentos ao ler *Songs of Innocence*. Gilchrist descreve sua sensação ao ler pela primeira vez tal obra, lembrando que, mesmo apresentando alguns erros gramaticais e ortográficos, contém “a mais doce melodia e ritmos apropriados”.¹³

Para Singer, Blake nunca foi totalmente submerso nas alucinações de sua mente. A autora diz que ele sempre manteve os pés firmes na realidade, e que “retinha

¹¹ SINGER, J. **Blake, Jung e o inconsciente coletivo**. São Paulo: Madras, 2004, p. 264.

¹² Ibid., p. 265.

¹³ GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus**. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868, p. 109-110.

sua perspectiva do mundo material enquanto participava da experiência da visão interna”.¹⁴ Desmistificar a ideia de que Blake era um “gênio louco”, mostrando uma visão diferente de loucura, foi claramente uma das maiores preocupações de Gilchrist. Gilchrist apresenta ainda um Blake de temperamento difícil, mas detentor de um coração bondoso. Prova disso são as passagens descritas por Gilchrist em que mostram o lado sensível do artista. Gilchrist conta que a casa dos Blake em Fountain Court era uma casa simples, porém muito limpa e organizada, e que a serenidade de Blake ao receber os visitantes era tamanha que em nada lembrava a pobreza em que viviam. “There was no ‘misery’ in Blake’s rooms for men who love art, a good table (not, of course, in the epicure’s sense), and warmth”.¹⁵

Gilchrist conta que Blake era um artista extremamente técnico, capaz de criar um método de impressão que o libertaria. Usando seu “método iluminado de impressão”, ele poderia criar, imprimir e vender suas obras sem depender de terceiros, e com um custo bastante reduzido. Para que sua empreitada tivesse êxito, no entanto, ele precisou contar com a ajuda de sua esposa e companheira de vida, Catherine. Apesar de alguns autores questionarem o quanto Catherine realmente o ajudava (pois era uma época difícil, em que somente os afazeres da casa tomariam grande parte do seu dia) pelas citações a seu respeito presentes em praticamente todos os textos dedicados à Blake, fica claro que ela foi de grande importância na vida pessoal e profissional do artista.

Gilchrist apresenta, acima de tudo, um artista espiritual, místico, mas não deixa de destacar o lado técnico de Blake, preocupado em sobreviver do seu trabalho como gravurista. Blake preferia ser independente no seu trabalho, mas sabia que precisava de compradores e financiadores, por isso nunca se distanciou totalmente das pessoas. Na visão de Gilchrist, Blake não foi um místico e visionário que se escondeu do mundo, refugiando-se na escuridão de sua mente, tornando-se refém de sua própria imaginação. Fica evidente nas suas obras a preocupação com a sociedade de sua época, sendo considerado por muitos como um revolucionário político e social. Gilchrist descreve

¹⁴ SINGER, J. **Blake, Jung e o inconsciente coletivo**. São Paulo: Madras, 2004, p. 270.

¹⁵ “Não havia lugar para ‘miséria’ nos aposentos de Blake para os amantes da arte, uma boa mesa (não na visão de um gastrônomo), e hospitalidade”. GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus**. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868[2013] p. 531.

também um homem apaixonado por crianças – apesar de nunca ter sido pai – cuja doçura era ampliada ao se aproximar delas, mas que também era igualmente educado ao tratar com pessoas de todas as idades, tratando a todos por “meus amigos”, independentemente da classe social.¹⁶ O biógrafo apresenta anedotas sobre Blake, que aparecem em toda a biografia, como aquela em que ele estaria andando pela rua com um amigo, e que, parando repentinamente, teria tirado seu chapéu e feito uma reverência. “Para que fez isso?”, inquiriu o amigo. “Ah!”, teria dito Blake, era o Apóstolo Paulo”.¹⁷

Sobre a suposta loucura de Blake, Gilchrist fala que ele “vivia em um mundo de ideias”, e que estas eram para ele muito mais reais do que a realidade. O biógrafo passou vários anos de sua vida pesquisando e reunindo material para a sua biografia, e teve a oportunidade de conversar com pessoas que conheceram Blake pessoalmente, que conviveram com ele como gravurista e como visionário, extraindo, assim, a impressão que eles tinham de Blake:



And here let us finally dispose of this vexed question of Blake’s ‘madness’; the stigma which, in its haste to arrive at some decision on an unusual phenomenon, the world has fastened on him, as on many other notable men before. Was he a ‘glorious madman’, according to the assumption of those who knew nothing of him personally, little of his works, nothing of the genesis of them – of the deep though wayward spiritual currents of which they were the unvarying exponent?

To Blake’s surviving friends – all who knew more of his character than a few casual interviews could supply – the proposition is (I find) simply unintelligible; thinking of him, as they do, under the strong influence of happy, fruitful, personal intercourse remembered in the past; swayed by the general tenor of his life, rather than by isolated extravagances of speech, or wild passages in his writings. All are unanimous on the point.¹⁸

¹⁶ GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus.** With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 533-534.

¹⁷ Ibid., p.552.

¹⁸ “E aqui deixe-nos finalmente dispor desta controversa questão da ‘loucura’ de Blake; um estigma que, em sua precipitação em alcançar alguma decisão sobre um fenômeno incomum, o mundo colocou sobre ele, assim como aconteceu com vários outros homens notáveis no passado. Terá sido ele um ‘glorioso louco’, de acordo com o pressuposto por aqueles que nada conhecem dele pessoalmente, pouco de sua obra e nada de sua gênese – das profundas porém excêntricas correntes espirituais das quais era o expoente invariável? Aos amigos sobreviventes de Blake – todos que conheciam mais do seu caráter do que algumas poucas entrevistas poderiam fornecer – a premissa é (acho eu) simplesmente incompreensível; pensando, como eles fazem, sob a forte influência da feliz, profícua relação pessoal lembrada no passado; influenciados pelo sentido geral de sua vida, não por isoladas extravagâncias na fala, ou por bizarras passagens em seus escritos. Todos são unânimes neste ponto”. GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus.** With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 553-554.

Sabe-se que Gilchrist teve como fontes informantes vários amigos de Blake, assim como teve acesso a muitas das obras do artista. Mas, lembrando Benton, é impossível ao biógrafo, mesmo tendo a oportunidade de conversar com pessoas que conviveram com o biografado, entrar na mente do artista, saber com certeza o que ele pensava ao criar, o quanto as suas visões eram reais ou o quanto elas tinham o intuito de “chocar” as pessoas. É indiscutível, no entanto, que a biografia de Gilchrist foi um divisor de águas no que diz respeito à recepção de William Blake no século XIX. A biografia, da qual inicialmente foram impressas duas mil cópias, tornou-se rapidamente um sucesso, e as críticas não tardaram a aparecer. Holmes lembra o que um crítico da época observou: “A more timid biographer might have hesitated about making so open an exhibition of his hero’s singularities”.¹⁹ A segunda edição da biografia de Gilchrist, editada por Dante Gabriel Rossetti e publicada em 1880, trouxe uma compilação das obras de Blake, incluindo suas *Songs*, poemas e trabalhos em prosa, além de cartas à amigos e compradores. Muitas dessas obras estavam em acervos particulares, e foram tornadas públicas pela primeira vez.

O PROCESSO EDITORIAL DE GILCHRIST E SUA RELAÇÃO COM AS FONTES

Para chegar a uma hipótese de quais os autores serviram de fontes para Gilchrist na escrita de sua biografia *Life of William Blake: Pictor Ignotus*, toma-se como exemplo quatro fatos que marcaram a vida de Blake e que são descritos na biografia escrita por Gilchrist. O primeiro deles é a sua preparação com James Basire. A descrição desse período da vida do artista foi exposto por quatro dos cinco autores anteriores a Gilchrist citados anteriormente. Todos eles mencionam o fato e a idade em que Blake foi enviado para estudar com Basire, mas nenhum detalha tanto quanto Gilchrist, que cita a idade, filiação e vários dos trabalhos do mestre gravurista.

Quando chegou o momento de iniciar o jovem Blake em uma profissão, resolveu-se que ele deveria ser enviado para ser aprendiz de um gravurista. J. T. Smith afirma somente que, por não apresentar as habilidades necessárias a um bom

¹⁹ “Um biógrafo mais tímido poderia ter hesitado ao expor tão abertamente as singularidades do seu herói”. HOLMES, R. Saving Blake. *The Guardian*, United Kingdom, 29 maio 2004. Disponível <<http://www.theguardian.com/books/2004/may/29/classics.williamblake>> Acesso em: 10 jul. 2015.

comerciante, Blake foi enviado ao Sr. James Basire. Malkin e Cunningham trazem a informação de que ele tornou-se aprendiz de gravurista, o segundo dizendo ainda que esta teria sido *uma escolha do jovem*:

He consulted an eminent artist, who asked so large a sum for instruction, that the prudent shopkeeper hesitated, and young Blake declared he would prefer being an engraver – a profession which could bring bread at least, and through which he could connect to painting.²⁰

Já Tatham cita que foi Blake quem preferiu ser aprendiz de gravurista a ser pintor, levando em consideração que, para ser aprendiz de pintor, o pai teria que pagar uma quantia bem maior, o que não seria justo com seus irmãos, e que a quantia paga a Basire para aceitar Blake como aprendiz foi de 50 *guinéus*.²¹ Gilchrist não comenta o fato de que teria sido de Blake a decisão de optar por um gravurista como mestre; ele diz apenas que seria muito caro para o bolso paterno e que o investimento não asseguraria um futuro promissor ao jovem. O biógrafo inclusive usa palavras que demonstrariam a insatisfação de Blake, dizendo que foi decidido que ele “should enter the, to him, enchanted domain of art by a back door”.²² Gilchrist notadamente dá uma grande importância às visões de Blake, pois nesse episódio, como em vários outros, no decorrer da biografia, ele menciona o lado visionário do artista, citando que Blake teria se recusado a ser aprendiz de Ryland e sua possível visão do futuro onde via que o famoso gravurista seria enforcado, fato não citado por nenhum dos outros autores estudados.

Tatham, Malkin e Gilchrist escrevem sobre os problemas que Blake enfrentou com os colegas aprendizes, e foi graças a essas querelas que Basire o enviou para Westminster Abbey, para que fizesse desenhos das esculturas góticas. Nesta passagem, Tatham e Gilchrist citam Malkin. Os três são unânimes em dizer que Blake sempre

²⁰ “Ele consultou um eminente artista, que pediu uma quantia tão grande para a instrução que fez com que o prudente comerciante hesitasse, e o jovem Blake declarou que preferiria ser um gravurista – profissão que lhe traria o pão pelo menos, e que através da qual poderia conectar-se à pintura”. CUNNINGHAM, A. **The lives of the most eminent painters**. New York: Harper & Brothers, 1837. 2 v.

²¹ O guinéu, cunhado a partir de 1663 para o tráfico de escravos e extinto em 1813, foi a primeira moeda de ouro britânica feita à máquina (Fonte: *Wikipedia*). Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Guin%C3%A9u>>. Acesso em: 07 julho 2016.

²² “[...] entraria nos domínios, para ele encantados, da arte pela porta dos fundos”. GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus**. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 28

agradeceu a Basire por essa oportunidade, e que sem ela, provavelmente ele não teria sido o artista completo que foi, detalhista e cuidadoso em suas obras.

Malkin, Tatham e Gilchrist tratam do período em que Blake esteve na Westminster Abbey, sendo que os dois últimos com mais detalhes. Em uma passagem da biografia, em que Gilchrist menciona que Blake subia nos monumentos para poder vê-los de cima, ele cita as seguintes palavras: “frequently standing on the monument, and viewing the figures from the top”²³, as mesmas palavras usadas por Malkin, só que nesta ocasião, o autor não é mencionado. Tatham diz que as imagens que Blake viu e desenhou durante seu período na Abadia o acompanharam nos seus trabalhos pelo resto de sua vida, e trata as visões que Blake teria tido durante este período como imaginação, dizendo que Blake teria escolhido viver entre os heróis do passado.

Gilchrist salienta o lado místico de Blake, dizendo que “the task was singularly adapted to foster the romantic turn of his imagination, and to strengthen his natural affinities for the spiritual in art”.²⁴ Ele aponta que Blake ficava horas trancado sozinho dentro da igreja, e que os espíritos do passado tornaram-se seus companheiros, citando algumas das visões que Blake teria tido neste período. No decorrer do texto, Gilchrist volta a usar as palavras de Malkin, mas mais uma vez não cita o nome do autor: “the heads he considered as portraits’ – not unnaturally, their sculptors showing no overt sign of idiocy – ‘and all the ornaments appeared as miracles of art, to his Gothicised imagination”.²⁵

Gilchrist, em comparação aos outros autores, é bem mais detalhista, enquanto é possível encontrar, nos autores a ele anteriores, apenas a informação de que Blake foi enviado pelo pai para ser aprendiz de Basire, alguns citando que Basire era um gravurista famoso na época, mas não dando maiores informações, Gilchrist se preocupa em descrever quem foi este homem que ensinou Blake a arte da gravura. Gilchrist detalha a família de Basire, sua idade, sua formação e cita vários trabalhos feitos pelo gravurista. Detalha também a casa onde Basire morou, dizendo que naqueles dias, ela

²³ “[...] frequentemente subindo no monumento, para poder ver a figura de cima”. GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus**. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p.35

²⁴ “A tarefa foi adaptada por Blake para fomentar o lado romântico de sua imaginação, fortalecendo sua afinidade natural pelo espiritual na arte”.Ibid

²⁵ “Os bustos ele considerava como retratos – não artificialmente, seus escultores não demonstravam sinais de idiotice – todos os ornamentos pareciam ser milagres da arte, para a sua imaginação *gotizada*”. Ibid., p. 36

ainda mantinha as características da época em que o gravurista morou ali. Diz que Basire era conhecido por seu estilo “monótono e duro, mas metuculoso e consciente”.²⁶ Diz ainda que o estilo de Basire era um pouco antiquado, mas que tinha admiradores por suas linhas firmes e corretas. Também se pode encontrar na biografia escrita por Gilchrist a menção à maioria das obras em que Blake trabalhou no período que esteve com Basire, o que não é possível nos textos dos outros autores. Gilchrist se preocupa em dar o maior número possível de informações aos seus leitores. É possível notar que o biógrafo tem a preocupação em mencionar o lado visionário do artista em conjunto com o técnico. Sua intenção com isso certamente é de mostrar que as visões de Blake sempre fizeram parte de sua vida, fazendo assim, parte do artista Blake.

O segundo ponto analisado será o do método de impressão usado por Blake, considerado único e que permitiu que ele imprimisse seus próprios livros. Dos cinco autores citados que poderiam ter influenciado Gilchrist, apenas dois trouxeram a criação do Método Iluminado de Blake: J. T. Smith e Cunningham; o que é interessante, pois trata-se de um dos fatos mais marcantes da trajetória profissional de Blake. Esse episódio foi tratado pelos dois autores de uma forma bastante semelhante, levando em consideração que Blake teria recebido a instrução de como proceder através de uma visão de seu falecido irmão Robert. J. T. Smith aponta que Blake enxergava o irmão Robert em suas visões, e quando isso acontecia, ele atendia às suas opiniões e conselhos. Apesar de citar as visões, o autor deixa claro que elas eram frutos da imaginação do artista, dizendo que Blake tinha o poder de retirar todos os demais pensamentos de sua mente, concentrando apenas em um assunto, “and so firmly did que believe, by this abstracting power, that the objects of his compositions were before him in his mind’s eye, that he frequently believed them to be speaking to him”.²⁷ O autor narra a aparição de Robert para Blake e a revelação do método de impressão como algo advindo da mente do artista, uma de suas “imaginações visionárias”. Cunningham, apesar de também trata a aparição de Robert como “visita imaginária”, diz que Blake teria se dado conta de que o espírito do irmão estava presente no quarto enquanto

²⁶ GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus.** With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p.31

²⁷ “[...] e tão firmemente ele acreditava, por esse poder de abstração, que os objetos de suas composições estavam diante dele nos olhos de sua mente, que ele frequentemente acreditava que eles estavam falando com ele”. SMITH, J. T. **Nollekens and his times.** London: Henry Colburn, New Burlington Street, 1829. 2 v, p. 468.

meditava sobre a melhor maneira de imprimir seus livros, mantendo a forma e a tonalidade originais, pedindo então, seu conselho. O espírito teria então lhe guiado no que fazer.

O biógrafo Gilchrist relata que o espírito de Robert sempre esteve presente com Blake, e que em horas de solidão ou de inspiração o irmão lhe aparecia em sonhos, em visões de ajuda ou de advertência. O autor diz que Robert apareceu ao irmão e lhe revelou seu método iluminado de impressão. “In a vision of the night, the form of Robert stood before him, and revealed the wished-for secret, directing him to the technical mode by which could be produced a facsimile of song and design”.²⁸ Gilchrist não trata as visões de Blake como apenas frutos de sua imaginação, provavelmente pelo respeito que nutria pelo artista e pelo desejo de desmistificar a imagem de “louco” que Blake havia adquirido ao longo dos anos. Gilchrist segue explicando no que consistia o método de impressão, mostrando, assim, a preocupação que teve, na escrita de sua biografia, de mostrar também o artista extremamente técnico.

Este episódio, importante por se tratar de um método que seria usado por Blake para imprimir os seus trabalhos a partir de então, foi tratado por J. T. Smith e por Cunningham de forma bastante superficial. Os outros autores sequer mencionam o fato. Ambos citam que Robert apareceu ao irmão em uma visão e lhe revelou o método de impressão e fazem uma rápida descrição do referido método. J. T. Smith ainda traz a informação que cabia à Sra. Blake colorir as impressões e alguns títulos que foram impressos utilizando o método. Cunningham menciona o tamanho das impressões. Gilchrist dedica um capítulo à impressão de *Songs of Innocence*, primeiro trabalho de Blake a ser impresso utilizando este método. O biógrafo diz que o método foi revelado a Blake por meio de uma visão de seu irmão Robert, e que, imediatamente após a revelação, a Sra. Blake saiu com as economias da casa e comprou o material necessário. Gilchrist faz uma descrição detalhada do método, dizendo que Blake fazia, ele mesmo, as cores que utilizava para colorir as impressões, usando um método ensinado a ele em uma outra visão, pelo carpinteiro José.

²⁸ “Em uma visão da noite, a forma de Robert apareceu diante dele e revelou o tão desejado segredo, direcionando-o ao método técnico pelo qual ele poderia produzir um fac-símile de canção e desenho”. GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus**. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 107

Pode-se ler em Gilchrist que a Blake ensinou Catherine a tirar com cuidado a impressão da prensa, e a colorir logo em seguida. O biógrafo fala também no tamanho das placas usadas nas impressões. Gilchrist segue dizendo que o casal Blake só não confeccionava o papel usado, e que nunca antes um homem *era tão literalmente autor de seus livros*, pois o casal Blake só não fabricava o papel usado nas impressões. Aqui, mais uma vez é possível notar a preocupação de Gilchrist em demonstrar a genialidade do artista, desde a criação de suas obras, explicando sua sensação ao ler pela primeira vez *Songs of Innocence*, até o inusitado método de impressão.

Os três anos em que Blake passou em Felpham também constituem um importante período na vida do artista, sendo que foi referido por três dos cinco autores estudados. Blake foi convidado pelo poeta Hayley para morar na pequena cidade à beira-mar, onde trabalhariam juntos no *Life of Cowper* que Hayley estava escrevendo. Tatham aponta que Blake conheceu Hayley através de Flaxman, e relata brevemente que Blake ocupou-se, nesses três anos, além das gravuras para a biografia acima citada, mas também fazendo retratos em tamanho real de todos os grandes poetas para a biblioteca de Hayley em Felpham. O autor diz que, como os amigos de Hayley começaram a pedir que Blake desenhasse miniaturas, ele resolveu voltar para a casa de número 3 da Fountain Court, em Londres.

J. T. Smith também é breve ao narrar o tempo de Blake em Felpham; além das informações contidas em Tatham, Smith menciona que Blake alugou uma cabana, pela qual pagava 20 libras por ano, e não, como teria sido dito por outros autores (não se trata de nenhum dos autores estudados aqui), hospedado em uma casa que pertencia à Hayley. Gilchrist também cita esse fato:

In August Blake went down to Felpham to look at his future home and secure a house; which he did at an annual rent of twenty pounds: not being provided with one rent-free by Hayley, as some supposed – a kind of patronage which would have ill suited the artist's independent spirit.²⁹

J. T. Smith cita a carta que Blake escreveu ao amigo Flaxman, assim que chegou à Felpham, onde ele descreve a viagem e a casa onde irão morar. Esta carta é

²⁹ “Em agosto Blake foi até Felpham para conhecer sua futura morada e assegurar uma casa, o que ele fez por vinte libras por ano: não lhe sendo disponibilizada uma, sem aluguel, por Hayley, como alguns presumiram – um tipo de patrocínio que não se enquadraria ao espírito independente do artista”. GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus**. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 222

também transcrita nos textos de Cunningham e de Gilchrist . Ao comentar a carta escrita por Blake a Flaxman na sua chegada a Felpham, Cunningham diz que ela dá uma ideia da mente do artista, que trabalhava de dia e de noite, soltava sua imaginação. O autor diz que em Felpham, Blake “forgot the present and lived in the past”.³⁰ Segundo Cunningham (1830), Blake dizia que as visões eram como sobras majestosas, cinzentas, porém luminosas, e mais altas que o homem comum. Para o autor, ficou claro que a solidão da cidade pequena deu a Blake uma maior oscilação nas questões da imaginação. Ele diz que: “His mind could convert the most ordinary occurrence into something mystical and supernatural”.³¹

Cunningham conta que Blake, ainda em Felpham, certa vez, contou a uma senhora que teria visto um funeral de fadas, dizendo que ele deveria ter mantido suas visões dentro do padrão das superstições do seu país, que talvez isso o tivesse mantido dentro das fronteiras da crença popular. Essa colocação de Cunningham é nitidamente uma prova de que ele não acreditava nas visões de Blake, e que estes fatos colaboravam com a fama de louco que Gilchrist tanto quis extinguir. Gilchrist também relata esta visão, apenas a citando como algo que aconteceu no jardim da casa do artista.

Gilchrist contextualiza mais do que seus antecessores a amizade de Blake com Hayley, e como surgiu o convite para que Blake passasse esses anos em Felpham. Na biografia de Gilchrist, são transcritas mais cartas de Blake no período, além de cartas para Flaxman, e outras, também aparecem cartas para Butts. Gilchrist faz questão de colocar que “Blake’s life at Felpham was a happy one”³², dizendo que outra fonte de felicidade para Blake em Felpham era o contato com a natureza, muito difícil em Londres. Ao mencionar as conversas que Blake dizia ter com as sombras majestosas do passado, afirma que o artista, à pergunta de como era a aparência destas sombras, teria respondido: “All majestic shadows, gray but luminous, and superior to the common

³⁰ “[...] esqueceu o presente e vivia no passado”. CUNNINGHAM, A. **The lives of the most eminent painters**. New York: Harper & Brothers, 1837. 2 v.

³¹ “Sua mente podia converter a ocorrência mais comum em algo místico e supernatural”.Ibid.

³² “Blake vivia uma vida feliz em Felpham”. GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus**. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 240

height of men”³³, palavras idênticas usadas no texto de Cunningham (1830), mas que aqui não foi citado por Gilchrist em seu texto.

Segundo Gilchrist, Blake voltou para Londres por se sentir preso. As exigências de Hayley e das pessoas que ele apresentou ao artista, que lhe pediam desde miniaturas até uma série de leques pintados à mão eram demais para seu espírito livre:

Had he complied with Hayley’s evident wishes, and set himself as a miniature painter, to please patrons, he might have climbed to fortune and fame. It was a “choice of Hercules” for him once again. But he had made his choice in boyhood, and adhered to it in age. Few are so perseveringly brave.³⁴

O período passado por Blake em Felpham foi o único em que Blake passou fora de Londres. Para Gilchrist, foi um período de felicidade para Blake, o que é discutido por autores mais recentes. Gilchrist mais uma vez é bem mais detalhista do que os autores anteriores ao relatar este período, preocupando-se em deixar o seu leitor bem situado no contexto da viagem de Blake. Várias cartas entre Blake e seus amigos Flaxman e Butts são transcritas no texto, sempre demonstrando que Blake está feliz, trabalhando de dia e entregando-se às suas visões no período noturno. Algumas cartas de Catherine Blake são endereçadas a Flaxman e sua esposa.

Gilchrist cita uma das cartas escritas por Blake a Flaxman, discordando de Cunningham, que havia comentado a carta anteriormente. Gilchrist diz que, diferentemente do que Cunningham afirma, a carta era de uma lucidez normal a Blake, e que de nenhuma forma eram as palavras de alguém que era um “sensível mortal” pela manhã e um “visionário louco” à noite³⁵, dizendo que Blake falava como escrevia. Gilchrist afirma que não havia hiato entre as coisas de ordem espiritual e as mundanas nos dias de Blake, e que não havia um horário em que ele desse mais “asas” à sua imaginação. Mais uma vez, pode-se ver a preocupação de Gilchrist em atestar a sanidade de seu biografado. Seu cuidado em mostrar ao seu leitor o gênio que era detentor de um estilo único, mas que em momento algum mostrou sinais de insanidade.

³³ “Todas sombras majestosas, cinzas porém luminosas, e superiores à altura média dos homens”. GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus**. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 245.

³⁴ “Se ele tivesse atendido aos desejos evidentes de Hayley, e se colocado como um pintor de miniaturas, para agradar à patronos, ele poderia ter escalado para a fortuna e fama. Foi uma “escolha de Hércules” para ele mais uma vez. Mas ele já havia feito essa escolha na juventude, e aderiu a ela na maturidade. Poucos são tão perseverantemente corajosos”. Ibid., p.283.

³⁵ Ibid., p. 226.

O último ponto a ser analisado é a questão do *Catálogo Descritivo*, escrito por Blake por ocasião da exposição realizada na loja do irmão em maio de 1808. A exposição contava com dezesseis obras denominadas por Blake de “Invenções Poéticas e Históricas”, onze afrescos e sete desenhos.³⁶ O catálogo descritivo explicava as obras expostas, e o visitante o recebia ao comprar a entrada para a exposição, pelo valor de *half crown*³⁷. Crabb Robinson visitou a exposição, e expõe posteriormente no seu diário as suas impressões. Sobre o catálogo, que ele descreve como “a very curious exposure of the state of the artist’s mind”³⁸, ele escreve:

In this catalogue Blake writes of himself in the most outrageous language – says, ‘This artist defies all competition in colouring’ – that none can beat him, for none can beat the Holy Ghost – that he and Raphael and Michael Angelo were under divine influence – while Corregio and Titian worshipped a lascivious and therefore cruel deity – Reubens a proud devil, etc.³⁹

O autor explica que comprou, além de sua cópia do catálogo, mais quatro, com as quais presenteou amigos, entre eles o crítico inglês Charles Lamb. Cunningham também cita o *Catálogo Descritivo* no seu texto, dizendo que aqueles que não conseguiam entender as obras de Blake poderiam encontrar entretenimento no catálogo: “a wild performance, overflowing with the oddities and dreams of the author”.⁴⁰ Para exemplificar tais “curiosidades e sonhos”, Cunningham menciona que Blake escreve no catálogo que havia sido levado, em pensamento, às repúblicas antigas da Ásia, tendo visto os originais pintados e esculpidos nas paredes dos palácios, dos templos, das cidades, e que teria se empenhado para igualar as suas obras àquelas contempladas nas suas visões. Cunningham ainda afirma que Blake acreditava tanto nas suas visões, que algumas pessoas passaram a acreditar nelas também.

³⁶ GILCHRIST, A. **The life of William Blake**: Pictor Ignotus. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 429.

³⁷ Um *half crown* equivalia a um oitavo de Libra.

³⁸ “Curiosa exposição do estado da mente do artista”. ROBINSON, H. C. **The diary, letters and reminiscences of Henry Crabb Robinson**, p. 283. Disponível em: <[https://en.wikisource.org/wiki/William_Blake_\(Symons\)/Extracts_from_the_Diary,_Letters,_and_R](https://en.wikisource.org/wiki/William_Blake_(Symons)/Extracts_from_the_Diary,_Letters,_and_Remiscences_of_Henry_Crabb_Robinson)
[eminiscences_of_Henry_Crabb_Robinson](https://en.wikisource.org/wiki/William_Blake_(Symons)/Extracts_from_the_Diary,_Letters,_and_R)>. Acesso em: 14 out. 2015.

³⁹ “Neste catálogo, Blake escreve de si em uma linguagem ultrajante – diz: ‘Este artista desafia toda competição na arte de colorir’ – que ninguém consegue derrotá-lo, pois ninguém pode derrotar o Espírito Santo – que ele e Rafael e Michelangelo estavam sob influência divina – enquanto Correggio e Ticiano adoravam uma deidade lasciva e portanto, cruel – Rubens um demônio orgulhoso etc.”. Ibid., p. 284.

⁴⁰ “Uma estranha apresentação, transbordante com as curiosidades e sonhos do autor”. Ibid.

Gilchrist escreve que o catálogo teria sido uma forma de Blake justificar seus métodos para os homens e para os críticos. Nesse catálogo, segundo Gilchrist, ele os interpreta e expõe seus próprios cânones de arte. Cita, ao contrário de Crabb Robinson, que o preço cobrado seria pelo catálogo, e que incluiria a entrada para a exposição. Na biografia de Gilchrist, ele escreve: “the price of this catalogue, which included admission to the exhibition, was half a crown”.⁴¹ Já Crabb Robinson, coloca da seguinte forma em seu diário: “these paintings filled several rooms of an ordinary dwelling-house, and for the sight a half-crown was demanded of the visitor, for which he had a catalogue”.⁴²

Gilchrist cita que Crabb Robinson visitou a exposição, e diz que falou com ele sobre o assunto, certamente em uma das entrevistas que realizou durante as suas pesquisas para a biografia. O biógrafo conta que Crabb Robinson relatou que, ao entrar na sala da exposição, encontrou-se sozinho, o que demonstra que a exposição foi um fracasso de público. Os outros três autores, anteriores a Gilchrist, não trazem comentários sobre o assunto.

O *Catálogo Descritivo* foi referido por Gilchrist como “uma tentativa de justificar seus métodos aos homens”⁴³, e fala da exposição na loja do irmão, que deu origem ao Catálogo, como algo que tivesse fadada a permanecer na obscuridade para a maior parte das pessoas. Foi a curiosidade de algumas pessoas, no entanto, em ver um quadro que era alvo de tão interessante disputa, que fez com que elas comparecessem à exposição.

Gilchrist faz menção à Crabb Robinson, que não só compareceu à exposição, mas comprou mais quatro catálogos, com o intuito de presentear os amigos. Cita também a crítica que apareceu em *The Doctor*, de Southey, na qual ele chama Blake de

⁴¹ “O preço deste catálogo, que incluía a entrada para a exposição, era de meia crown”. GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus.** With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 429.

⁴² “Estas pinturas enchem diversas salas de uma residência comum, e para a visita, meia *crown* era cobrada do visitante, dando direito a um catálogo”. ROBINSON, H. C. **The diary, letters and reminiscences of Henry Crabb Robinson,** p. 283. Disponível em: <[https://en.wikisource.org/wiki/William_Blake_\(Symons\)/Extracts_from_the_Diary,_Letters,_and_R
eminiscences_of_Henry_Crabb_Robinson](https://en.wikisource.org/wiki/William_Blake_(Symons)/Extracts_from_the_Diary,_Letters,_and_Remiscences_of_Henry_Crabb_Robinson)>. Acesso em: 14 out. 2015.

⁴³ GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus.** With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 429.

excelente pintor, mas gênio insano”.⁴⁴ Southey diz ainda que a obra de Blake intitulado *Ancient Britons* era um de seus piores trabalhos, sendo objeto de uma das mais curiosas descrições contidas neste raro Catálogo escrito pelo artista. Gilchrist segue dizendo que o Catálogo era realmente raro, e que ele próprio havia visto somente umas três cópias.

Pode-se, através da observação comparativa, chegar à conclusão de que Gilchrist realmente baseou-se nos autores anteriormente mencionados para escrever *Life of William Blake: Pictor Ignotus*. Apesar de não os citar oficialmente como fontes, fica claro, dentro do texto da biografia, a importância das pesquisas e entrevistas realizadas com os autores apontados. Benjamin Heath Malkin, Henry Crabb Robinson, J. T. Smith, Frederick Tatham e Alan Cunningham foram, certamente, as fontes mais importantes de Alexander Gilchrist para a primeira biografia dedicada a William Blake.

A biografia era, no século XIX, vista com reservas pelos historiadores, pois devido à liberdade que os biógrafos tinham no que diz respeito a fatos e datas, muitos a consideravam um gênero inferior de escrita. As biografias muitas vezes misturavam realidade e ficção, atribuindo feitas e qualidades ao biografado que não haviam sido devidamente comprovadas, muitas vezes propositalmente, na intenção de enaltecer o personagem. Dosse, em sua obra *Desafios Biográficos: escrever uma vida*, diz que a biografia é um gênero híbrido, por situar-se entre a reprodução da vida de uma pessoa real e a impossibilidade de exatidão das informações, seja por falta de documentos para a comprovação dos fatos ou pelas discrepâncias entre os depoimentos colhidos durante a pesquisa. No caso da biografia de Blake, escrita por Alexander Gilchrist, as fontes não são citadas, mas se sabe, através de menções a determinados autores feitos no corpo do texto da biografia, que Gilchrist teve acesso a inúmeras obras do artista, assim como colheu depoimentos de pessoas que tiveram o privilégio de conviver com Blake, o que a tornou uma fonte importante para os pesquisadores de Blake desde a sua publicação.

O fato de Gilchrist ter morrido antes de completar a biografia *Life of William Blake: Pictor Ignotus* tornou esta obra ainda mais interessante de ser lida e estudada, pois não se sabe exatamente o quanto Anne escreveu ou modificou dos manuscritos deixados por Gilchrist, pois estes já não existem mais. Até sua morte, no entanto, em 1885, Anne afirmava ter sido somente redatora do marido. A biografia mescla o lado

⁴⁴ GILCHRIST, A. **The life of William Blake: Pictor Ignotus**. With selections from his poems and other writings. London: Macmillan and Co., 1868 [2013], p. 431.

visionário de Blake com o lado do artista extremamente técnico e preciso. Gilchrist traz, por exemplo, a relação entre as origens técnica e sobrenatural do método de impressão iluminado. É nessa biografia também que, pela primeira vez, a poesia de Blake começa a ser analisada juntamente com sua obra pictórica.

Fica evidente que a biografia de Gilchrist, publicada em 1863, teve como principal objetivo tirar William Blake do anonimato, dissipando a ideia de que o artista era um gênio louco que escrevia e pintava, sob a influência de espíritos, coisas que poucos compreendiam. Gilchrist cita fatos da vida de Blake que eram desconhecidos até então, mesclando em seu texto as anedotas atribuídas ao artista e cartas escritas a amigos e compradores. As duas outras biografias citadas, ambas escritas mais de cem anos após a primeira, tiveram-na como principal fonte. A biografia *Blake*, escrita por Peter Ackroyd e publicada em 1999, traz um Blake parecido com o de Gilchrist, focando no artista, no homem. Ackroyd apresenta uma obra de agradável leitura, na qual ele coloca o artista e a obra como uma só coisa; uma coisa complementa a outra. Nessa biografia, a preocupação não é documentar com precisão, mas entender o homem e sua relação com a sociedade em que ele vivia. O texto de Ackroyd é rico em detalhes, permitindo que o leitor crie uma “imagem” ao ler, tendo um ar bastante romanceado. Já a biografia *The Stranger from Paradise. A Biography of William Blake*, de G. E. Bentley Jr. apresenta um texto rico em informações, todas devidamente comprovadas, o que lhe dá um ar de documentário. Bentley Jr. descreve com precisão toda a vida do artista, preocupando-se em apresentar as evidências para que o leitor, ao ler, crie a sua imagem de Blake.

Quanto às possíveis fontes de pesquisa de Gilchrist, ficou claro, através dos estudos comparativos realizados entre a biografia de Gilchrist e os cinco autores anteriores a ele, já mencionados nesse trabalho, que Gilchrist teve, sim, acesso a esses autores. Alguns, como é o caso de Crabb Robinson, podemos concluir, através das próprias palavras de Gilchrist, ele teve a oportunidade de contatar pessoalmente. Depois de tantos anos da morte de Blake, é possível encontrar vários estudos e teses para que se compreenda o trabalho desse artista. Não há, no entanto, uma única fórmula, um único caminho para entender o trabalho de Blake. O *Pictor Ignotus* sobre o qual Gilchrist escreveu é hoje conhecido e admirado por acadêmicos e pelo público em geral por várias razões diferentes. Alguns o admiram por sua sensibilidade, outros por sua

obscuridade e sua loucura, outros pelos versos suaves de *Songs of Innocence* ou mais fortes e sombrios em *Songs of Experience*.

É possível não gostar dos poemas de Blake, ou não se sentir confortável diante das imagens fortes e impactantes de seus desenhos. O impossível, no entanto, é ficar inerte frente às suas obras, é não ser tocado pela sensibilidade do artista, e não se comover com os detalhes de suas imagens. Ackroyd⁴⁵ diz que Blake viveu em um mundo que não o entendia e que as obras que sobrevivem, apesar de poucas, são suficientes para demonstrar o verdadeiro gênio William Blake.

RECEBIDO EM: 16/05/2017

PARECER DADO EM: 26/10/2018



www.revistafenix.pro.br

⁴⁵ ACKROYD, P. **Blake**. London: Sinclair – Stevenson, 1999, p.391.

ANEXO A - TABELA

Autores	Infância	Preparação Com Basire	Royal Academy	Catherine	Parceria Com Parker	Robert - Método De Impressão	Cores	Canções De Inocência E Experiência	América E Europa
MALKIN (1806)	X	X	X						
CRABB ROBINSON (1825)				X			X	X	
TATHAM (1828)	X	X		X			X	X	
J. T. SMITH (1829)	X	X		X	X	X	X	X	X
CUNNINGHAM (1830)	X	X		X	X	X		X	X
GILCHRIST (1863)	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Autores	The Grave	FELPHAM	Canterbury Pilgrims	Exposição Na Loja Do Irmão	Catálogo Descritivo	Jerusalém	Livro De Jó
MALKIN (1806)	X						
CRABB ROBINSON (1825)			X	X	X		
TATHAM (1828)		X				X	
J. T. SMITH (1829)	X	X	X			X	X
CUNNINGHAM (1830)	X	X	X	X	X	X	X
GILCHRIST (1863)	X	X	X	X	X	X	X